

19-II-1954

MICROSCÓPIO

## «VILA DOS CONFINS»

Raul Pilla

QUANDO o meu colega Mário Palmério me ofereceu pessoalmente um exemplar do seu livro, recomendando-o especialmente à minha atenção por tratar do nosso problema eleitoral, confesso que não augurei bem da obra. Caberia num romance tal matéria? E, cabendo nêle, não lhe daria alguma coisa de artificialoso?

O prefácio de Raquel de Queiroz, porém, logo dissipou a minha desconfiança. «É ler para crer» — diz ela. E, em verdade, não há como deixar de reconhecer que nós encontramos diante de um escritor e, mais ainda, de um verdadeiro romancista.

Desde as primeiras linhas nos sentimos transportados àquele remoto Sertão dos Confins e não mais o abandonamos, a não ser para uma rápida viagem à capital, onde se tece a política. As debilidades, as misérias da nossa vida pública no Interior ali estão descritas com mão de mestre. A compressão, a corrupção, a compra de votos, que finalmente decidiu a eleição, o heroísmo cívico de alguns, tudo isto se vive intensamente, graças à pena do romancista.

Como obra literária, o valor de «Vila dos Confins» afere-se logo, à mais rápida leitura. Eu apenas lhe notaria um defeito, que outros considerarão virtude: o uso da linguagem regional e popular, não somente pelos personagens, o que está certo como recurso descritivo, mas também pelo próprio autor, o que não me parece aconselhável. A tal ponto chega esta prática, que algumas vêzes fica o leitor na dúvida, se ainda é o personagem, ou se já é o autor quem está falando.

Se elevado é o valor literário do romance, creio eu que êle poderá, por isto mesmo, vir a exercer uma acentuada influência política, por ser um libelo contra os nossos depravados costumes eleitorais. É possível que êle concorra para sensibilizar a consciência cívica em favor da indispensável e urgente reforma eleitoral. Desconfio que foi êste pensamento o que levou o político a tornar-se romancista. Poderá o político não alcançar o seu objetivo; mas o país ganhou um romancista.